

Hospital tem boa equipe

Com a visita do doutor Zerbini a Brasília fica a certeza de que não mais tem sentido dizer que a ponte aérea é o melhor hospital da cidade. Ele mesmo afirmou que não "sabe como ainda não frutificou aqui a idéia de um grupo de profissionais querendo levar à frente um projeto de hospital cardíaco que, inclusive, realize transplantes". Para ele, "é preciso que, esse tipo apaixonado pela medicina, surja na área da cirurgia cardíaca da mesma forma como existe hoje no Hospital de Base onde se realizou o primeiro transplante de rim de Brasília".

Ao visitar o Hospital das Forças Armadas, o doutor Zerbini constatou que o hospital tem mais recursos que o Incor-SP. E quanto aos profissionais da área, ele diz que é supreendente que ainda não tenha surgido aqui em Brasília "um grupo de estrelas da cirurgia cardíaca nacional". O cardiologista, porém, está confiante na idéia do Incor-DF, tanto que em termos profissionais o quadro do HFA tem como chefe da cirurgia cardíaca um ex-residente do Incor-SP, o doutor Alexandre Brick. Desde já ele, é um dos apaixonados que quer implantar um sistema de cirurgia cardíaca moderno na cidade.

Defasagem — Para o projeto do Incor-DF se tornar realidade, porém o caminho pode

ser árduo. Existe no Executivo um projeto que precisa ser votado pelo Congresso Nacional que dá autonomia administrativa ao HFA. Segundo Alexandre Brick, a aprovação dessa idéia é de suma importância para a implantação do Instituto do Coração tomar corpo. Já o diretor do hospital, brigadeiro Flávio Rizzo, é bem mais enfático ao prever o fim do HFA. "Se esse projeto não for enviado ao Congresso e aprovado até setembro, o hospital fecha".

Tanto pessimismo não é baseado na descrença. O brigadeiro Rizzo tem motivos de sobra para antever as portas do HFA se fechando. Isso porque a operacionalidade do hospital está cada vez mais baixa devido à falta de pessoal. Com capacidade para 400 leitos, pouco mais de 30 estão funcionando porque falta gente para trabalhar. Dois mil e 400 funcionários que tinham na época da inauguração, só restam 980.

Na visão da diretoria do HFA e do seu defensor, doutor Zerbini, com a autonomia seria possível contratar quem fosse preciso e demitir os que não produzissem. Mas, o hospital sem a aprovação do projeto de autogestão continua atrelado ao Governo Federal.

Para se ter idéia do prejuízo que essa carência traz à comunidade é só comparar os dados do cardiologista, Alexandre Brick. "Atualmente, eu realizo uma cirurgia cardíaca por semana e se tivesse um quadro de pessoal suficiente, daria para operar até dois pacientes por dia".